

/ PALAVRA DO LEITOR

Extinção da Fepagro

Pesquisadores oriundos da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), extinta em 2017, estão distribuídos em laboratórios desmontados e atuando em projetos científicos (Jornal do Comércio, edição de 01/06/2026). Isso é muito preocupante. O trabalho realizado por eles tem uma importância enorme para o Estado, inclusive para a preservação de espécies como o butiá, que assim como outras nativas há anos perde espaço para culturas de exportação. É o tipo de situação que só percebemos o real impacto depois que já aconteceu. (Bruna Abeijon)



Extinção da Fepagro II

Um Estado que não valoriza a pesquisa Agropecuária está fadado a importar tecnologias de outras regiões, que em geral não se adaptam às nossas condições de solo e clima. Os erros cometidos por administrações irresponsáveis vão, certamente, se refletir nas próximas gerações, causando prejuízos irreparáveis. Governantes despreparados e sem noção das prioridades que deveriam servir de base para uma sociedade próspera. (Ronaldo Matzenauer)

Produção de fertilizantes

A inauguração oficial da operação da sua produção de fertilizante fosfatado no Estado representa um marco para a empresa Águia Fertilizantes, que já investiu cerca de R\$ 230 milhões na atividade (JC, 02/06/2026). Está é uma boa notícia para o setor primário, pois possivelmente diminuirá o custo da produção agrícola. (Araci Acemar Trindade Cavalheiro)

Trânsito

Porto Alegre está ficando uma cidade muito pequena para a quantidade de automóveis que circulam em suas ruas e avenidas. Se antes já tínhamos em suas ruas e avenidas dias e horários com mais movimento no trânsito, hoje os engarrafamentos ocorrem todos os dias e em todos os horários. A tendência será piorar, pois a venda de carros novos tem aumentado na Capital. O novo Plano Diretor, já aprovado, previu alguns alargamentos de ruas e avenidas, além dos recuos quando um imóvel é demolido e outro será construído no mesmo local, algo que consta nos Planos Diretores antigos? (Norma Etcheagaray, por e-mail)

Iluminação em Porto Alegre

A cidade está muito escura em alguns bairros. Nas praças e parques, então, há uma escuridão que afeta a segurança das pessoas que ousam passar neles. Em contrapartida, muitos edifícios e locais onde estão serviços e lojas mantêm luzes acesas que iluminam as calçadas em frente. Isso até poderia ser uma norma para que a prefeitura estimulasse uma maior e melhor iluminação nas calçadas de toda Porto Alegre, orientando para que todos os edifícios e lojas iluminassem a frente dos seus imóveis. (Ney de Oliveira Alencastro, por e-mail)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Guerra desafia a estrutura das indústrias

Radamés Parmeggiani

A guerra atual no Oriente Médio não criou um novo problema para a indústria brasileira. Na verdade, ela apenas acelerou e deixou mais visível algo que já existia: a fragilidade de operações internacionais pouco estruturadas. Em cenários de instabilidade elevada, essa fragilidade passa a impactar diretamente a capacidade de resposta das empresas.

Quando o Estreito de Ormuz é afetado, o impacto não se limita ao petróleo. A tensão avança pela cadeia logística, pressiona o transporte marítimo, altera rotas e transforma previsibilidade em incerteza. Como reflexo, prazos e custos entram em um ciclo de ajustes constantes, algo que exige maior capacidade de adaptação e leitura de contextos.

Esse encadeamento chega rápido às indústrias da Serra. Ele se traduz em insumos mais caros, frete interno em alta e margens mais difíceis de sustentar. Para quem importa da China, o cenário se agrava com o acúmulo pós-Ano Novo Chinês somado a desvios logísticos que aumentam prazos e reduzem espaço nos navios.

Isso não acontece de forma isolada. O que existe é um efeito em cadeia com impactos relevantes. Atrasos no embarque afetam a produção, comprometem entregas e deixam de ser um problema logístico para se tornar uma questão comercial, com reflexos diretos nos resultados

das empresas.

O impacto é mais silencioso nas exportações. Mercados do Oriente Médio e da África seguem ativos, mas o aumento de custos e a incerteza logística comprometem a competitividade e podem redirecionar pedidos.

Na prática, esse cenário funciona como um filtro. Empresas com operações fragmentadas tendem a reagir, acumulando urgências. Já aquelas mais estruturadas ajustam estoques, reorganizam embarques e tomam decisões com base em informação qualificada.

Ganha espaço uma visão mais estratégica: consolidar estoque na origem, diversificar rotas e fortalecer o planejamento financeiro deixam de ser diferenciais e passam a ser mecanismos de proteção.

Mais do que alterar a lógica do mercado, a guerra expõe quais empresas têm solidez operacional para sustentar sua atuação em cenários adversos.

CEO da Afianci Global Networking

Empresas com operações fragmentadas tendem a reagir, acumulando urgências

A técnica não vai nos salvar

Léo Ustároz

Os papéis se invertem. Se, no passado, o homem criava ferramentas e meios – "técnica" – para atingir seus objetivos tipicamente humanos, agora vive para atender às necessidades de expansão e melhorias dos sistemas tecnológicos que desenvolveu. A técnica deixou de ser um mero instrumento sob controle humano para se tornar

O trabalhador deixa de ser uma pessoa e se transforma numa peça de reposição

aquilo que nos controla. Ao contrário do que o otimismo científico sugere, a tecnologia não é neutra; ela impõe sua própria lógica de eficiência, produtividade e racionalidade, esvaziando o sentido da existência humana. A tecnologia não pergunta se "isto é bom?" ou "isto é justo?", mas apenas se preocupa se "isto é possível". A técnica nos dá respostas ao "como fazer", mas se omite e silencia no "porquê fazer?".

Há um visível descompasso entre o que nos tornamos capazes de fazer e nossa capacidade de processar e lidar emocionalmente com as consequências do que criamos.

Nesse cenário, a única coisa que importa é a eficiência e o resultado econômico. O trabalhador

deixa de ser uma pessoa e se transforma numa peça de reposição; não controla mais a máquina, ele foi reduzido a um funcionário do sistema, uma engrenagem cuja única função é garantir o funcionamento do aparato tecnológico.

A alienação que se inicia no ambiente corporativo, transborda para a totalidade da vida cotidiana através da destruição do ócio. O tempo livre deixou de ser o espaço da contemplação e reflexão sobre nossa condição humana para se transformar em tempo de consumo ou em mera regeneração da força de trabalho. A sociedade técnica não tem espaço para o vazio e o silêncio, preenchendo cada pausa com estímulos digitais e cobranças por desempenho. Os algoritmos nas redes sociais decidem o que você vai ver a seguir, a informação e o produto que você deve consumir, substituindo a autonomia da vontade por meros reflexos condicionados.

Sem o distanciamento crítico que o ócio proporciona, a mente humana perde a capacidade de questionar. A técnica não vai nos salvar porque ela não reconhece o sofrimento, a angústia ou o desejo – elementos que nos fazem humanos. A crença de que a tecnologia resolverá as crises que ela mesma criou é uma ilusão perigosa. Se não resgatarmos a dimensão do ser humano, decidindo sobre a tecnologia, é ela que definirá o que podemos ser ou não ser.

Engenheiro químico, advogado e acadêmico de Filosofia da Pucrs